

Breve histórico sobre o desenvolvimento dos processos gráficos na península coreana analisado por meio de patrimônios documentais

Brief history on the development of graphic processes on the Korean peninsula analyzed through documentary heritage

MARRISE, Raphaela; Bacharel; UFPE

rmarrise@hotmail.com

HENRIQUES, Fernanda; Doutora; UNESP

fernanda.henriques@unesp.br

Este artigo investiga a origem dos processos gráficos coreanos, a partir da história de dois patrimônios documentais: a *Tripitaka* e o *Jikji*, ambos participantes do programa Memória do Mundo da UNESCO. O recorte temporal tem enfoque entre os séculos XIII e XV, período de transição entre as tecnologias de impressão, a xilografia e os tipos móveis de metais coreanos. A pesquisa partiu de um levantamento bibliográfico exploratório com a finalidade de coletar dados primários para a construção de objetivos e conjecturas, permitindo traçar o desenvolvimento de impressos na península coreana, revisando a visão eurocêntrica encontrada e difundida em nossa sociedade.

Palavras-chave: Processos Gráficos; Península Coreana; Patrimônios Documentais.

This article investigates the origin of Korean graphic processes, based on the history of two documentary heritages: Tripitaka and Jikji, both participants in the UNESCO Memory of the World program. The time frame focuses on the 13th and 15th centuries, a period of transition between printing technologies, woodcuts and movable types of Korean metals. The research started from an exploratory bibliographic survey with the purpose of collecting primary data for the construction of objectives and conjectures, allowing to trace the development of print in the Korean peninsula, reviewing the Eurocentric vision found and spread in our society.

Keywords: Graphic Processes; Korean Peninsula; Documentary Heritage.

Atualmente, bens culturais sul-coreanos, como séries televisivas e música pop, vêm ganhando grande popularidade no Brasil e ao redor do mundo. Segundo o relatório da expansão do *Hallyu*¹, realizado pela KOFICE (*Korean Foundation for International Cultural Exchange*), em 2019, o Brasil foi o segundo maior consumidor de bens culturais sul-coreanos no continente americano, ficando atrás apenas dos EUA (KIM, 2020). No entanto, as contribuições da cultura coreana para a humanidade remontam a tempos mais longínquos e perpassam por patrimônios ligados à origem e ao desenvolvimento de processos gráficos na região do leste asiático e do mundo. Nesse sentido, esse trabalho aborda as origens dos artefatos impressos na península coreana por meio de dois artefatos do patrimônio cultural coreano, tombados pelo programa Memória do Mundo (*Memory of the World - MOW*) da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*).

O leste asiático, sobretudo a China e a península coreana, realizou grandes contribuições ao desenvolvimento da representação gráfica como a conhecemos hoje, entre os aportes podemos citar: o papel (105 e.c), a xilogravura (entre o século VI e IX e.c), assim como os tipos móveis (entre o século XI e XIV e.c) (PASTENA, 2016; OK, 2013; MEGGS & PURVIS, 2009; AMARAL, 2002).

A produção desses materiais e tecnologias de impressão, posteriormente, tornaram-se o primeiro suporte da comunicação de massa, pois a sua reprodutibilidade permitia alcançar um maior público, como os jornais, panfletos, livros e etc. (SANTAELLA, 2003). Por meio dos estudos dessa materialidade, é permitido entender, transmitir e apreciar a história da humanidade, visto que os significados e interações entre a matéria e os indivíduos são regidos por meio da relação entre os artefatos e as práticas culturais de uma determinada sociedade (MILLER, 2013).

Esses artefatos estariam sempre sujeitos a todo tipo de transformações, sejam elas de função, sentido ou mesmo morfológicas, possibilitando a compreensão que os objetos materiais também realizam uma trajetória própria (MENEZES, 1997). Nesta perspectiva, os artefatos desenvolvem para si mesmos poder próprio, ou seja, agência, transcendendo o vínculo entre sujeitos e objetos, enunciando a importância de pesquisas que traçam os elos entre a cultura material, os indivíduos e suas localidades (MILLER, 2013).

Em 1992, a UNESCO estabeleceu o programa Memória do Mundo (MOW) que tem como principais missões: 1) preservar o patrimônio documental que seja de apelo mundial; 2) auxiliar o acesso universal a esses patrimônios documentais; e, 3) ampliar e disseminar a conscientização da importância da existência e significação do patrimônio documental (ASCOM, 2017).

O conceito de patrimônio documental usado para o MOW consiste em documentos tidos como únicos, que tenham valor significativo e longevo para uma comunidade, uma cultura, um país ou, de forma geral, para a humanidade e sua perda seria irreparável (UNESCO, 2015).

Deste modo, para a realização deste trabalho, estudou-se as condições históricas e socioculturais do desenvolvimento de dois patrimônios documentais coreanos participantes do MOW, a fim de traçar as origens da cultura impressa na península coreana, que vieram a contribuir com a história da humanidade. Motivado pela existência de dados culturais e

¹ O *Hallyu* ou, na tradução literal, “Onda coreana”, é uma política pública de cunho cultural e econômico que surgiu entre o fim dos anos 1990 e começo dos anos 2000 na Coreia do Sul (KUWAHARA, 2014).

históricos sobre o tema e a não presença deles de forma ampla e aprofundada em livros e materiais didáticos de tipografia e produção gráfica, esta pesquisa institui um debate sobre o assunto, no intuito de expor conteúdos e materiais ricos historicamente que poderiam ser utilizados nos estudos e pesquisas de Design e áreas correlatas.

2 Metodologia

O estudo da história em design relaciona interpretações dos processos de transformações culturais, assim como dos modos de consumo e produção ao decorrer do tempo, sendo necessária a realização de uma coleta de informações, seja por meio de indivíduos relacionados ao objeto da pesquisa, seja de documentos ou dos próprios artefatos, quer eles físicos ou digitais (SANTOS *et al.*, 2018). Este artigo está relacionado com uma pesquisa de natureza básica, cujo objetivo é aprofundar o conhecimento sobre a produção gráfica asiática, tendo como foco averiguar a origem dos processos gráficos coreanos, não prevendo uma aplicação prática (PRODANOV & FREITAS, 2013).

O presente artigo analisou e comparou os dados coletados por meio de um levantamento bibliográfico de livros e artigos científicos sobre a temática de forma interdisciplinar, com a finalidade de observar de forma completa os fenômenos sociais aqui tratados (PRODANOV & FREITAS, 2013).

Ainda foram coletados documentos públicos dos dois patrimônios documentais, registrados no programa MOW: a *Tripitaka* coreana (1223-1251), uma coleção de mais de 80 mil placas de xilogravura com escrituras budistas; e o *Jikji* (1377), considerado primeiro livro impresso com tipos móveis de metais do mundo, que contém os fundamentos do Zen budismo, a fim tecer uma maior compreensão de como se deu os primeiros processos gráficos impressos na península coreana (RHA, 2001; YOU, 2007).

Sendo assim, o recorte temporal deste artigo dedicou maior atenção entre os séculos XIII e XV, período em que houve uma transição entre a primeira tecnologia de impressão, a xilogravura e a criação e o desenvolvimento dos tipos móveis de metais coreanos (OK, 2013; PESTANA, 2016).

3 A *Tripitaka* e a xilogravura coreana

A invenção da escrita possibilitou a ultrapassagem dos limites temporais e locais, antes restritos à memória humana (MEGGS & PURVIS, 2009). No entanto, o desenvolvimento das tecnologias impressas viriam acarretar na disseminação e criação de um fluxo ainda maior de informações; apesar de sua origem ainda em aberta, algumas pesquisas indicam uma possível evolução na China dos chops, sinetes/selos utilizados desde a dinastia Qin (221 - 206 a.e.c.), para as técnicas de xilogravura desenvolvidas entre o fim da dinastia chinesa Sui (581 - 618 e.c.) ou início da dinastia Tang (618 - 907 e.c.) (AMARAL, 2002; MEGGS & PURVIS, 2009).

A xilogravura é uma técnica de impressão baseada em relevo, seu processo originalmente era realizado a partir de uma folha de papel fino, onde dispunham a caligrafia escrita e/ou imagens que, após um processo com goma, são transferidos a uma superfície lisa de um bloco de madeira preparado anteriormente, o qual era entalhado em volta das informações, deixando-as em alto-relevo (MEGGS & PURVIS, 2009). Os textos e/ou imagens eram entintados e aplicava-se uma folha de papel, depois esfregava-se o verso do papel com uma borracha ou pincel para que a tinta do relevo fosse transferida uniformemente, dando assim início aos primeiros documentos impressos (MEGGS & PURVIS, 2009).

Posto que a península coreana estava condicionada como reino tributário à China, existia um ativo intercâmbio cultural e econômico entre ambas, sendo assim, a origem exata da cultura impressa coreana ainda é incerta, mas tem-se atribuído como motivação a disseminação do budismo, que adentrou na região por volta do século IV (OK, 2013; HWANG, 2017). Entretanto, foi na dinastia Silla Unificada (668 - 935 e.c.) durante o século VIII que popularizou-se e utilizou-se da xilogravura para produção massiva dos cânones budistas na península (OK, 2013).

Durante a dinastia Goryeo (918 - 1392 e.c), o Confucionismo foi adotado como ideologia política, responsável por estabelecer um sistema de educação que gerou o Gukjagam, uma instituição nacional de ensino superior e vários Hyanggyo, escolas particulares locais, influenciando ainda mais na difusão das técnicas impressas (COREIA DO SUL, 2015).

Nessa época, a religião e arte budista estavam em ápice, uma vez que já estava estabelecida como a religião oficial da dinastia, deste modo, os templos budistas publicaram suas escrituras em escrita chinesa que atuava na região desde o séc. II, além de ser o idioma franco erudito em todo o leste asiático (COREIA DO SUL, 2015; PASTENA, 2016). Dessa maneira, os impressos serviram como uma forma de ofertas pelos membros para gerar bônus, tal como utilizados na realização de serviços memoriais e obras missionárias (YOU, 2007; OK, 2013).

Desde sua entrada na península, o budismo prosperou após estabelecer de forma recíproca um relacionamento com a elite aristocrática que proporcionou a ambos influência, poder e legitimidade (HWANG, 2017). A elite patrocinava os templos, permitindo que a religião se desenvolvesse em todos os aspectos sociais, o que lhe conferia prestígio, que era cobiçado e retribuído à burguesia, em nomeações em altos cargos clericais ou políticos (HWANG, 2017).

A ascensão de Genghis Khan no reino Mongol, no começo do século XIII, resulta numa grande instabilidade na região, tendo uma imensa mudança após a conquista mongol da dinastia Jin (1115 - 1234 e.c) da China (COREIA DO SUL, 2015). Passagens em um antigo documento, o *chip Tongguk Li Sangguk*, registra o começo da confecção de uma *Tripitaka* em 1011, finalizada entre 1029-1087, com a finalidade de implorar forças de Buda para impedir a invasão mongol (YOU, 2007; COREIA DO SUL, 2015; PASTENA, 2016).

Esta primeira *Tripitaka* teria sido elaborada pelo quarto filho do rei Munjong que, a pedido do pai, tornara-se monge budista e ao longo dos anos teria viajado pelos países vizinhos aprofundando seus ensinamentos do Buda (PESTANA, 2016). Ele ainda teria criado manuscritos que originaram a *Tripitaka*, nos quais catalogou os cânones e deferiu comentários sobre diferentes escolas budistas (PESTANA, 2016).

A invasão mongol foi consumada em 1231, em novas investidas, a *Tripitaka* foi perdida em um incêndio entre 1232-1234, sendo um dos resultados de um conflito que durou em torno de 40 anos (1231 - 1259) (YOU, 2007; COREIA DO SUL, 2015; PASTENA, 2016).

Uma cópia dessa *Tripitaka* seria confeccionada, no entanto, quanto a sua datação, existem discordâncias, acredita-se que sua confecção tenha iniciado entre 1223-1236 e finalizada 15 anos depois, entre 1238-1251 (YOU, 2007; PESTANA, 2016). Esta versão teria sido realizada com a intenção de mais uma vez implorar a Buda proteção contra desastres naturais e invasões estrangeiras, visto que, acreditava-se que a confecção da primeira teria funcionado (YOU, 2007; PESTANA, 2016).

Esta segunda versão, conta com 81.258 blocos de madeira para impressão xilográfica, onde cada bloco mede 24,2 cm de comprimento, 69,7 cm de largura e em torno de 3,6 cm de

espessura, resultando em blocos de 3,7 Kg cada (YOU, 2007). Em cada bloco, como pode ser visto na figura 1, os textos foram esculpidos em 23 linhas verticais, contendo 14 caracteres em cada linha, além disso, foi gravado a data após cada título, assim como o nome do escraba que o esculpiu, gerando um total de 1.800 nomes diferentes, o que surpreende uma vez que visualmente os blocos parecem ter sido esculpidos por uma única pessoa (YOU, 2007; PESTANA, 2016).

Figura 1 – Imagem com detalhes sobre os blocos de madeira da *Tripitaka* coreana



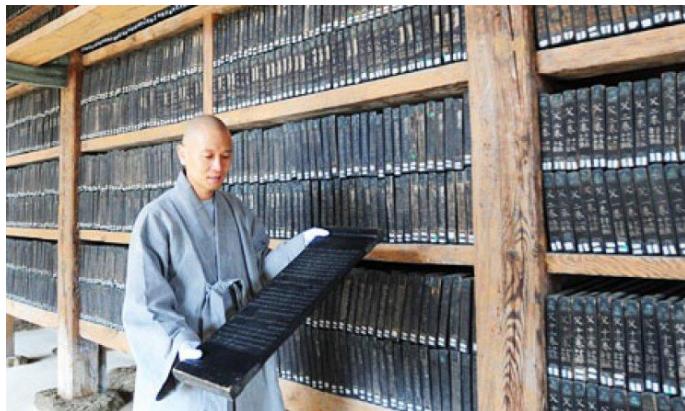
Fonte: THE BUDDHIST CHANNEL (2011)

As placas de madeira para xilogravura na península derivam geralmente de árvores de jujuba, pereiras, prunus e bétula branca, que consistia em sua maioria em árvores de grão denso (OK, 2013). Assim, o processo de confecção das placas exigia o mergulho das toras em água do mar por 3 anos, depois cortadas e fervidas em água salgada (OK, 2013; PESTANA, 2016). Posteriormente, com cuidado para evitar deformações, as placas eram colocadas em sombra e expostas ao vento por mais 3 anos, ao final desse processo, as placas poderiam enfim ser usadas na xilogravura (OK, 2013; PESTANA, 2016). Uma vez entalhadas, as placas ganhavam uma camada de veneno para afastar insetos, e eram emolduradas com metal, a fim de impedir deformidades (PESTANA, 2016).

Pelo processo longo, demorado e caro, inicialmente os impressos constituíam-se em cânones budistas, patrocinados pelo próprio governo e pela burguesia, em seguida, pequenos negócios surgiram diversificando as publicações em textos filosóficos, artigos acadêmicos, coleções de ensaios e outros documentos diversos (OK, 2013).

Em 2007, o governo da Coreia do Sul submeteu a segunda versão da *Tripitaka* coreana ao programa Memória do Mundo, no qual atualmente faz parte (YOU, 2007). A coleção encontra-se hoje no mosteiro Haeinsa, dentro de 4 edifícios intitulados de Janggyeong Panjeon (*Tripitaka Woodblocks Hall*), em estantes de madeira, como pode ser vista na figura 2 (YOU, 2007). O complexo de edifícios também foi tombado pela UNESCO em 1995, onde a entrada do público é terminantemente proibida, a fim de manter a preservação dos blocos de madeira, assim como, preserva-se a vegetação ao redor do templo, na tentativa de monitorar a influência do ecossistema próximo ao patrimônio documental (YOU, 2007).

Figura 2 – Imagem parcial de uma das estantes e um monge manipulando um dos blocos de madeira da *Tripitaka* coreana



Fonte: KIM (2013)

O patrimônio documental ainda é estudado nos dias atuais por ser considerada a *Tripitaka* mais completa, dentre todas existentes, que contam com um número extremamente reduzido de escrituras em comparação a coreana, sendo pesquisada por estudiosos religiosos de diversos países na busca da compreensão do budismo (YOU, 2007; COREIA DO SUL, 2015). Ademais, tem-se registro de que ainda se distribuem cópias dos textos, através da impressão dos blocos de madeira (YOU, 2007).

A técnica de xilografia continuou a ser utilizada pela sociedade coreana por um longo período, coexistindo com outras técnicas desenvolvidas, além disso, foi percebido por pesquisadores um declínio no uso da tecnologia, tendo como um dos possíveis motivos, a falta de madeira adequada, fomentando um outro fator para ascensão por exemplo, da impressão por tipos móveis de metais (OK, 2013; PESTANA, 2016).

4 O *Jikji* e os tipos móveis de metais

A origem da tecnologia dos tipos móveis é creditada ao chinês Bi Sheng no séc. XI, durante a dinastia chinesa Song (960 - 1279 e.c), na obra *Mengxi bitan* de Shen Kua (1031 - 1095) retrata a técnica utilizada na confecção dos tipos, que inicialmente são desenvolvidos a partir da argila cozida, terracota (MEGGS & PURVIS, 2009; PESTANA, 2016).

Os tipos seriam moldados em argila e cozidos no fogo de palha até converter-se em estado rígido, conjuntamente era preparado uma placa de metal revestida com uma mistura de resina de pinheiro, cera e cinzas de papel (MEGGS & PURVIS, 2009; PESTANA, 2016). Os tipos rígidos eram ajustados na placa de metal, que era colocada ao forno, a fim de fixar os tipos posteriormente na mistura adesiva, após a retirada, adicionava-se uma moldura para realizar a disposição das informações, resultando em um bloco sólido que seguia os procedimentos de xilografia para realização da impressão, contudo, permitia apenas duas ou três cópias (MEGGS & PURVIS, 2009; PESTANA, 2016).

Pela fragilidade, era um processo de impressão que permitia poucas cópias, mas que era relativamente um pouco mais rápido que a xilografia, já que os tipos poderiam ser reutilizados, e quando não estavam em uso, eram depositados em caixas de acordo com rimas, uma vez

que o idioma não segue uma ordem alfabética (MEGGS & PURVIS, 2009; PESTANA, 2016). A técnica não se disseminou de forma ampla no leste asiático, visto que, o idioma chinês usado como escrita franca, dificultava o processo pela sua grande quantidade de caracteres, mantendo a xilografia como a técnica mais difundida ao longo de muitos séculos (MEGGS & PURVIS, 2009; PESTANA, 2016).

Sobre os tipos móveis de metais, existem indícios em documentos históricos coreanos como o já citado *chip Tongguk Li Sangguk*, de Li Kyubo (1168 - 1241), o autor alega que outra obra sua, o *Sangdjong Yemun*, teria sido impresso em tipos móveis de metais, porém, nenhuma evidência física fora ainda encontrada (PESTANA, 2016). Ainda, em outros documentos históricos passagens semelhantes, indicam outras impressões pela mesma tecnologia, fazendo estudiosos acreditarem ser a península coreana a origem dos tipos de metal, entre os séc. XIII e XIV (PESTANA, 2016).

Devido à instabilidade interna, pelas disputas de poder e novas invasões, ocorreu uma transição sociopolítica na península, causando a perda de muitos artefatos culturais entre o séc. XIII e séc. XIV, principalmente quanto ao desenvolvimento dos primeiros impressos por tipos de metais (COREIA DO SUL, 2015; HWANG, 2017).

No entanto, o *Jikji*, seria uma dessas exceções, trata-se de um compilado de dois volumes dos fundamentos do Zen Budismo, escritos pelo sacerdote Baegun, e impresso em 1377 no Templo Cheongju Heungdeoka, como indicado no seu colofão (RHA, 2001; PESTANA, 2016).

O sacerdote compilou os ensinamentos de seu mestre em dois volumes que indicava como alcançar a iluminação pela prática do Zen: 1) o primeiro volume, consiste num compilado de analetos que apresentam o despertar de grandes mestres budistas, incluindo o próprio Buda; 2) o segundo volume, conta com diretrizes sobre meditação, diversos rituais de despertar de escolas de budismo, além de canções de louvor, comentários sobre as escrituras e outros textos (RHA, 2001; JIKJI GLOBAL, 2021a).

Figura 3 – *Print screen* das páginas 12-13 do *Jikji* vol. II, escaneadas e cedidas pela Biblioteca Nacional da França ao projeto *Jikji Global*



Fonte: JIKJI GLOBAL (2021b)

O *Baekwoon hwasang chorok buljo jikji simche yojeol*, mais conhecido como *Jikji*, é considerado o livro impresso em tipos de metais mais antigo do mundo, tendo 24,6 cm de

altura e 17cm de largura, sendo composto por 38/39 folhas, impressas em ambos os lados, como pode ser visto na figura 3, uma contracapa e uma capa (RHA, 2001; PESTANA, 2016). Cada página do artefato contém em torno de 11 e 12 colunas verticais, formadas por 18 ou 20 caracteres cada (RHA, 2001; PESTANA, 2016).

A presença de recuos intensificam as desigualdades entre as linhas, ainda há pontos em que traços superiores e inferiores dos caracteres se sobrepõem, mostrando que a técnica ainda estava em aperfeiçoamento, além disso, alguns pesquisadores defendem a possibilidade da utilização mista entre tipos de madeira e tipos de metais no artefato (RHA, 2001; PESTANA, 2016).

Em 2001, o segundo volume do *Jikji*, foi submetido ao MOW, no qual foi aceito, porém, o exemplar fora comprado por um diplomata francês em 1887, depois leiloado para um colecionador também francês e encontra-se, como desejado após a morte de seu último dono, na Biblioteca Nacional da França (RHA, 2001; PESTANA, 2016).

Em 2004, a UNESCO juntamente com a prefeitura da cidade sul-coreana Cheongju, criaram o UNESCO/Jikji Prêmio Memória do Mundo, uma premiação que ocorre bianualmente, e tem por intenção recompensar pessoas físicas ou organizações governamentais e não governamentais (ONGs), pelos esforços em contribuir com a preservação e acessibilidade ao patrimônio documental, com a finalidade de “promover o acesso universal à informação e ao conhecimento” (UNESCO, 2022).

Infelizmente, devido ao conturbado período histórico que a península coreana passava, pouco se encontrou até o momento, sobre as técnicas utilizadas para a confecção desses primeiros tipos, contudo, o cenário se modifica quando pesquisamos a tecnologia no séc. XV (OK, 2013).

Durante a dinastia Joseon (1392 - 1897 e.c.), principalmente a partir do século XV, a confecção de tipos de metais, foi refinada, sendo as técnicas mais difundidas: 1) *Gyemija*, tipo criado em 1403, que seguia a técnica que utilizava cera de abelha para a confecção, tida como uma técnica ainda grosseira; e, 2) *Gabinja*, criada em 1434, tipos derivados da técnica de modelagem por meio de areia, sendo a técnica considerada mais refinada e por isso, ganhou maior popularidade e adeptos na época (OK, 2013).

Figura 4 – Ramos do processo de fundição de tipos metálicos *Gyemija*, os ramos à esquerda já em liga metálica, no estágio final do processo, e os ramos à direita em cera de abelha, no começo do processo.



Fonte: JIKJI GLOBAL (2021c)

A confecção da *Gyemija* por exemplo, consistia nas seguintes etapas:

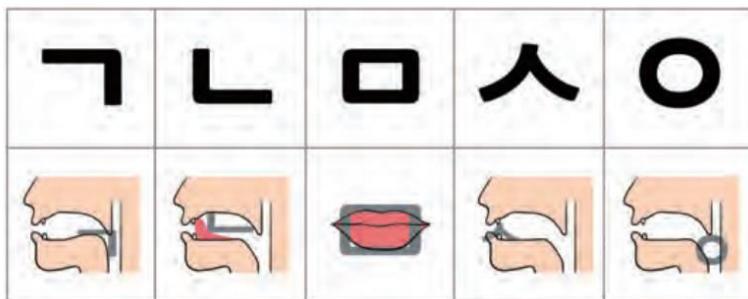
- 1) Anexa-se um papel com as letras de um corpo tipográfico selecionado numa estrutura retangular de cera de abelha;
- 2) Entalha-se as letras em relevo na barra de cera;
- 3) Confecciona-se os ramos em cera de abelha, assim como pode ser visto na figura 4;
- 4) Prepara-se os materiais para montar o molde;
- 5) Prepara-se os ramos em cera de abelha, pincelando argila nas fases dos tipos;
- 6) Monta-se a estrutura do molde, um cilindro de madeira;
- 7) Após centralizar o ramo na estrutura, adiciona-se argila;
- 8) Coloca-se a argila para secar naturalmente;
- 9) Com a argila seca, retira a estrutura de madeira e coloca-se o cilindro num forno para derreter os ramos em cera de abelha;
- 10) Retira-se o molde do forno e adiciona-se o metal fundido no molde;
- 11) Espera-se resfriar o metal fundido do molde e com cuidado "destrói-se" o molde para encontrar a estrutura de metal com as letras;
- 12) Retira-se o excesso de argila até limpar os ramos de liga metálica, como também pode ser visto na figura 4;
- 13) Com uma lima separa-se as letras metálicas dos ramos;
- 14) Por fim, apara-se as letras com polimento para posteriormente seguir com o processo de impressão (OK, 2013).

No entanto, o processo de impressão assemelhava-se ao processo desenvolvido por Bi Sheng para os tipos de terracota (RHA, 2001; OK, 2013). Os tipos eram fixados numa placa de metal, porém, não era usado uma mistura adesiva a fixação era realizada através de cera de abelha (RHA, 2001; OK, 2013). Posteriormente, foi criada uma chapa metálica mais complexa para o processo de impressão, mas manteve-se o uso da cera de abelha para a fixação (RHA, 2001; OK, 2013).

Após o lançamento oficial do alfabeto coreano em 1446, pelo então monarca Sejong (1418 - 1450) e seus estudiosos, muitos outros tipos foram criados, inclusive a pedidos do próprio rei, que buscava disseminar os conhecimentos até então em escrita chinesa, para um maior número de sua população, que foi incentivada, mesmo com os protestos dos aristocratas eruditos, a aprenderem a nova escrita (RHA, 2001; PESTANA, 2016).

O hangul, como é chamado o alfabeto coreano, tem suas vogais criadas com base no *Samjae* (Três Poderes) e seus três elementos: 1) 〇, a circularidade que representa o céu, 2) ㅡ, a planicidade que representa a Terra, e 3) 丨, a retidão que representa o homem (LEE, 2013). A combinação desses elementos gerou 11 vogais, juntamente com as 17 consoantes, totaliza-se 28 letras que foram explicadas num livro intitulado *Hunminjeongeum*, que em tradução significa “Os Sons Corretos para a Instrução do Povo” (LEE, 2013).

Figura 5 – As formas e gestos dos órgãos articulados utilizados na pronúncia dessas consoantes



Fonte: LEE (2013)

No *Hunminjeongeum*, também explica as formas corretas de pronunciar as vogais e as consoantes, estas últimas foram criadas e divididas com base nos sons e locais das articulações da fala, sendo classificados como: molar, lingual, labial, incisivo e laríngeo, como pode ser visto na figura 5 (LEE, 2013). Inclusive o documento, também participa do MOW, como patrimônio documental da humanidade desde 1997.

Assim como as impressões xilográficas, as impressões por tipos metálicos inicialmente eram de origem religiosa e visavam difundir o budismo, ainda patrocinado pelo governo e pela aristocracia, contudo a participação do setor privado se deu de forma mais intensa (OK, 2013). Além da presença dos tipos móveis de metais (cobre, chumbo e ferro), terracota e madeira, também era presente tipos de porcelana cerâmica e cabaça (OK, 2013).

No séc. XVI, a península passa a enfrentar constantes ameaças externas, gerando novas instabilidades sociopolíticas, o que até certo ponto, pode ser considerada a maior causa do não desenvolvimento mais expressivo da técnica após o séc. XV (OK, 2013; PESTANA, 2016). No entanto, até o séc. XX, muitas foram as fontes criadas e utilizadas na península, mesmo que de forma extremamente lenta em comparação aos avanços europeus estudados (OK, 2013; PESTANA, 2016).

5 Discussões

Os resultados revelam que, assim como no ocidente, a religião foi uma das grandes influências no desenvolvimento dos processos gráficos de impressos asiáticos, tendo na disseminação do budismo a figura chave dos primeiros impressos do leste asiático. Uma constatação é a presença constante de datações e “assinaturas” nas obras impressas e suportes de impressão, como os blocos de madeira, possibilitando que pesquisadores possam identificar e rastrear de forma mais complexa as origens dos documentos.

Além disso, os registros de utilização recentes dos blocos de xilografia da *Tripitaka* coreana abrem um debate sobre a percepção ocidental sobre patrimônios, uma vez que eles são vistos como artefatos preciosos para a humanidade que devem ser preservados e mantidos fora de uso para evitar maiores desgastes.

Outra questão relevante é a percepção do conceito – por vezes subjetivo – do que seria um patrimônio documental, impondo a reflexão sobre os critérios do programa para as candidaturas. Principalmente quando partimos dos apontamentos de Le Goff (1990), de que todo documento é um monumento, uma vez que é a decorrência de uma composição histórica, temporal e social, seja consciente ou inconsciente, que perdura às margens da manipulação do poder, do coletivo e do esquecimento. Além disso, o autor ainda afirma que o documento acaba por adquirir voluntariamente ou não a função de testemunho do tempo,

determinando a imagem de sua sociedade de origem (LE GOFF, 1990). No entanto, para Pereira Filho (2021) em sua pesquisa sobre o programa MOW, a problemática desse mesmo conceito é fundamentada em seus critérios e análises estritamente físicas, como a autenticidade do monumento. Pereira Filho (2021) alega que é impossível compreender um patrimônio cultural apenas pelos seus aspectos físicos, sem que seja considerada a manifestação das intencionalidades e dos agentes que também se tornam patrimônio. Afinal, o documento não pode ser desvinculado das variações das manipulações do tempo, da sociedade, e de poder, sem que tenha sofrido alterações de sentido a partir de novos agentes e concepções externas (PEREIRA FILHO, 2021).

Os dados coletados ainda indicam que a península coreana ao longo dos séculos VIII e XX manteve a produção de impressos a partir de diversas técnicas, no entanto, ao contrário dos demais países do leste asiático, teve maior afinidade com os tipos de metais em comparação ao uso da xilogravura, mesmo que esta última estivera amplamente presente na região. Sendo a criação do alfabeto coreano um dos maiores motivos pelos quais os tipos móveis encontraram facilidade em se desenvolver, uma vez que é formado por apenas 28 caracteres em comparação a escrita chinesa que conta com milhares de caracteres.

Um ponto relevante é a percepção do uso de materiais diversos para além dos comumente usados no ocidente, como madeira e liga metálica: a existência de tipos em porcelana, terracota e mesmo cabaça desperta a possibilidade de descoberta de novos processos de confecção de tipos, seus usos e sua atuação no mercado impresso da época e possíveis utilizações no presente.

O reduzido acesso às obras sobre a temática aqui abordada em outros idiomas além do coreano reforça a observação realizada sobre a necessidade de ampliar os debates e conceitos históricos para além da cultura europeia. Juntamente a isso, a maioria das obras utilizadas como referências perpassam áreas fora de design, sendo que a única referência didática de design não aborda o tema com profundidade semelhante aos outros conteúdos ocidentais.

Assim, esta pesquisa utilizou-se em sua maioria, de materiais desenvolvidos por pesquisadores sul coreanos, como por exemplo, dos autores LEE (2013) e Ok (2013), que em parceria com a instituição Academia de Estudos Coreanos (*Academy of Korean Studies - AKS*) desenvolveram materiais didáticos para a série Compreendendo a Coreia (*The Understanding Korea Series*), projeto que conta com livros em inglês para disseminar informações sobre seu próprio país.

Ainda sobre a falta de abordagem da temática na área de design, Farias e Aynsley (2021), ao analisar alguns artigos sobre historicidade tipográfica do *Journal of Design History* de Oxford, observaram que a maioria dos artigos analisados tem como foco a era da industrialização e as primeiras comunicações de massa, ou seja, do século XIX ao contemporâneo. E que nas pesquisas raramente os aspectos econômicos e industriais são levados em consideração (FARIAS; AYNLEY, 2021). Os autores ainda afirmam que os conteúdos sobre tipografia em livros didáticos de design gráfico tendem a ser curtos, esquemáticos e com ênfase euro ou anglocêntricas (FARIAS; AYNLEY, 2021).

Essa ênfase nos estudos de processos gráficos e tipográficos com foco no desenvolvimento ocidental perpassa uma visão eurocêntrica de contar a história da humanidade. Problemática que vem sendo debatida e combatida em prol de descentralizar a epistemologia, que outrora fora a Europa.

Said (2007; 2011) defende que o orientalismo é uma instituição social e acadêmica, voltada para recriar a imagem do oriente pelo ocidente de forma a colocar em foco suas distinções e

“inferioridades”, ao passo que ressalta a superioridade do continente Europeu e suas civilizações “modernas”. Essa ação teria sido realizada entre os séculos XIX e XX e posteriormente perpetuada como um “saber” do senso comum (SAID, 2007; 2011).

O orientalismo seria então um dos frutos do eurocentrismo, tornando a Europa e seus saberes como o centro epistemológico, o que teria gerado, desta forma, uma enorme lacuna acadêmica e histórica nas percepções e saberes sobre regiões tidas por esse sistema como “periféricas”.

Uma forma de rever essa lacuna segundo Farias e Aynsley (2021), seria promovendo estudos que tenham como foco regiões que escapam do eixo europeu ou norte-americano, possibilitando ampliar nossas compreensões sobre o papel da tipografia na configuração das culturas de design visual e suas heranças em nível global.

6 Conclusões

Esta pesquisa demonstra o alto potencial nos estudos sobre a produção gráfica no leste asiático, e como os conteúdos gerados por eles podem enriquecer nossa compreensão sobre outros processos e técnicas de impressão, assim como, a magnitude de sua influência na sociedade da região, para além, das já estudadas nas grades curriculares nos cursos de design e áreas correlatas. O que poderia ampliar as percepções sobre a disseminação e origem dos processos gráficos e suas viabilidades no passado, abrindo a possibilidade de desenvolvimento e inovações no presente.

A principal dificuldade encontrada na realização desta pesquisa, foi o escasso acesso a obras produzidas para além do próprio idioma coreano sobre a temática. Poucas obras foram encontradas que abordassem a evolução e desenvolvimento impresso no leste asiático com foco na península coreana.

A realização dessa pesquisa tem como principal perspectiva estabelecer acesso a conteúdos fora do eixo eurocêntrico, uma vez que o assunto não é abordado de forma aprofundada em obras da língua portuguesa na área de design e correlatas. Possibilitando, assim, um maior alcance das temáticas explanadas ao longo deste artigo para as comunidades lusófonas.

Esta pesquisa ainda se faz relevante no âmbito social, visto que reafirma a responsabilidade social do pesquisador em seu dever de instituir espaços inclusivos para expor e criar debates sobre assuntos que incluem culturas invisibilizadas, de forma crítica e democrática, respaldando a pluralidade epistemológica de nossa profissão.

7 Referências

AMARAL, A. E. M.. 1000 anos antes de Gutenberg. Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação. *Cadernos BAD*, n. 2. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2002. p. 84-95. Disponível em:
<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/11909/1/1000%20anos%20antes%20de%20Gutenberg.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021

ASCOM. **O que é o Programa Memória do Mundo?** Arquivo Nacional. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Brasil, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canais_atendimento/imprensa/copy_of_noticias/o-que-e-o-programa-memoria-do-mundo. Acesso em: 10. nov. 2021.

COREIA DO SUL. **Fatos sobre a Coreia.** Korea Creative Content, Republic of Korea, 2015. Disponível em: https://issuu.com/kocis9/docs/factsaboutkorea_1611logomod__pt. Acesso em: 25 ago. 2021.

FARIAS, Priscila L.; AYNSLEY, J. Typographic Histories: Three Decades of Research. **Journal of Design History**, vol. 34 n 3, 2021. p. e1–e21. Disponível em: <https://academic.oup.com/jdh/article-abstract/34/3/e1/6356492?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 14 ago. 2022.

HWANG, Kyung Moon. **A History of Korea: An Episodic Narrative.** 2ª ed. London: Palgrave Macmillan, 2017.

JKJ GLOBAL. **Composição de Jikji.** Jikji Global, 2021a. Disponível em: <https://www.globaljikji.org/pt/sub.do?menukey=12202>. Acesso em: 10 dez. 2021

JKJ GLOBAL. **Jikji:** Ebook do Segundo Volume - Original. Jikji Global, 2021b. Disponível em: https://www.globaljikji.org/ebook/jikji_ori/index.html. Acesso em: 10 dez. 2021.

JKJ GLOBAL. **Tipos Móveis Metálicos de Goryeo Coreia.** Jikji Global, 2021c. Disponível em: <https://www.globaljikji.org/pt/sub.do?menukey=12103>. Acesso em: 11 dez. 2021

KIM, Ji-yeon. **Global Hallyu Trends 2020.** Korean Foundation for International Cultural Exchange. Republic of Korea, 2020. Disponível em: http://eng.kofice.or.kr/resource/resource_1.asp#. Acesso em: 12 jan. 2021.

KIM, Tong-hyung. **'Tripitaka Koreana' may be renamed.** The Korea Times. Republic of Korea, 2013. Disponível em: http://www.koreatimes.co.kr/www/news/culture/2016/07/317_145614.html. Acesso em: 2 dez. 2021.

KUWAHARA, Yasue. **The Korean Wave Korean:** Korean popular culture in global context. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

LEE, Ji Young. **Hangeul.** Academy of Korean Studies Press, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução: Bernardo Leitão. *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. **História do design gráfico.** Cosac Naify, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: Documentos pessoais no espaço público - **Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais**, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV–IEB/USP, 1997.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas:** estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OK, Young Jung. **Early printings in Korea.** Academy of Korean Studies Press, 2013.

PASTENA, Carlo. **Lineamenti di storia del libro asiatico.** Palermo: CRicd, 2016. Disponível em: <https://www.cricd.it/produzioni%20editoriali/libro%20asiatico/Lineamenti+di+storia+del+libro+asiatico.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PEREIRA FILHO, H. F. Gestão conflitiva de memórias documentais pela UNESCO. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n.105. São Paulo: ANPOCS, 2021: e3610509. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KnwgRmyjGKxJKMm8ybM76Nx/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 27 jul. 2022

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RHA, Ki-jeong. **Memory of the World Register - Nomination Form:** Republic of Korea - Buljo jikji simche yo jeol (vol.II). Republic of Korea, 2001. Disponível em:
http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/mow/nomination_forms/Korea+Buljo+jikji+simche+yo+jeol.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.

SAID, Edward W.. **Orientalismo: o Oriente Como Invenção do Ocidente.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W.. **Cultura e Imperialismo.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Aguinaldo dos. *et al.* Pesquisa Histórica. In: Org. Santos, Aguinaldo dos. **Seleção do método de pesquisa:** guia para pós-graduando em design e áreas afins. Curitiba, PR: Insight, 2018, p. 152-176.

THE BUDDHIST CHANNEL. **Anniversary celebrations to highlight Tripitaka Koreana.** The Buddhist Channel, 2011. Disponível em:
<https://www.buddhistchannel.tv/index.php?id=92,10463,0,0,1,0#.Yye7pqTMKUk>. Acesso em: 2 dez. 2021.

UNESCO. **General Guidelines of the Memory of the World (MoW) Programme.** UNESCO, 2015. Disponível em:
https://en.unesco.org/sites/default/files/mow_general_guidelines_en.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.

UNESCO. **UNESCO/Jikji Prêmio Memória do Mundo.** UNESCO, 2022. Disponível em:
<https://en.unesco.org/prizes/jikji-mow-prize>. Acesso em: 05 jan. 2022.

YOU, Hong June. **Printing woodblocks of the Tripitaka Koreana and miscellaneous Buddhist scriptures.** Republic of Korea, 2007. Disponível em:
http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/mow/nomination_forms/korea_tripitaka.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.